

GRACILIANO, O JORNALISTA

TEXTO: KASSIA NOBRE

Garranchos, livro que reúne textos do escritor alagoano em jornais, mostra que o autor manteve, na prosa jornalística, a excelência que o consagrou na literatura

nome de Graciliano Ramos figura entre os principais autores literários que dialogam com o fazer jornalístico.

Não há como falar sobre a interação entre a literatura e o jornalismo sem citar o escritor alagoano. O motivo evidente seria suas colaborações como articulista e revisor para as redações de jornais, além de sua escrita concisa para uma produção textual enxuta que é precursora da, até hoje utilizada, forma de escrever textos jornalísticos objetivos, sem adjetivação.

O escritor também é reconhecido por ser um grande observador crítico da realidade, função desempenhada tanto por ficcionistas como por repórteres. Conforme escreveu Marcelo Bulhões no livro *Jornalismo e Literatura em Convergência*, "a escrita de Graciliano se configura pela vivência do próprio escritor e pelos embates tensos e diretos com as realidades sociais deterioradas. Não é demais ver aí certos atributos do jornalismo em seu desenvolvimento histórico, com a necessidade do uso de linguagem com vistas à comunicabilidade geral, expulsando as formas obsoletas e ornamentais do discurso, e a consciência de que apuração e observação constituem o cerne de sua prática".

Garranchos, a mais recente obra sobre o escritor alagoano, representa bem a habilidade de Graciliano também para o jornalismo opinativo. É indiscutível a contribuição do autor para a literatura brasileira e mundial, e a obra mostrou a expressiva atuação do autor como articulista nas páginas dos jornais. A obra – lançada em 2012 pela editora Record – reuniu 81 textos publicados em periódicos e inéditos em livro e alguns discursos proferidos pelo autor.

Os textos revelam o Graciliano que colaborava para o jornal *O Índio*, da pacata Palmeira dos Índios, município alagoano. O título da obra vem justamente do nome da seção do jornal, em que o escritor publicava crônicas. *Garranchos* tornou-se o quinto livro póstumo do autor alagoano. Antes, foram lançados *Memórias do Cárcere* (1953), *Viagem* (1954), *Linhas Tortas* (1962) e *Viventes das Alagoas* (1962). *Garranchos* traz crônicas, epigramas, artigos de crítica literária, discursos políticos e cartas publicadas na imprensa. Na obra, cinco produções são manuscritos, ou seja, sem exposição oral ou escrita efetuada pelo autor: o conto "O ladrão", escrito quando Graciliano tinha apenas 22 anos de idade, e as crônicas "A literatura de 30", "Jorge Amado", "O negro do Brasil" e "Revolução Russa".

■ Não é demais ver na obra de Graciliano certos atributos do jornalismo em seu desenvolvimento histórico, com a necessidade do uso de linguagens com vistas à comunicabilidade geral, expulsando as formas obsoletas e ornamentais do discurso"

Marcelo Bulhões
Escritor

O responsável por reunir e organizar tais reliquias é o pesquisador Thiago Mio Salla, da Universidade de São Paulo (USP), já considerado um dos mais eminentes estudiosos de Graciliano. Atualmente, o autor prepara uma edição especial das entrevistas e depoimentos que Graciliano concedeu ao longo da vida para diferentes órgãos da imprensa. Para Thiago, os textos de *Garranchos*, cada um ao seu modo, permitiram iluminar facetas pouco conhecidas ou, até então, obscuras do autor, além de confirmar a escrita apurada e precisa do alagoano.

Garranchos revela o "Graciliano atuante que toma

partido e não foge à luta ao se defrontar com as principais questões literárias e sociais do seu tempo", afirma Mio Salla. Para a pesquisa, ele percorreu acervos cariocas, paulistas, mineiros e alagoanos. Em Maceió, visitou o Arquivo Público e o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Em Palmeira dos Índios, enfiou-se na Casa Museu Graciliano Ramos.

Os textos do livro foram agrupados em cinco blocos para representar, de forma cronológica, períodos de vida do escritor alagoano. Thiago nomeou a primeira parte de "Anos 1910", com colaborações de Graciliano para o Jornal

de Alagoas, de Maceió. Neste período (1914-1915), o autor residia no Rio de Janeiro, mas enviava suas produções para a capital alagoana. Uma curiosidade chama a atenção nas publicações: elas são assinadas apenas com iniciais ou por pseudônimos. Por exemplo, o autor da crônica "Coisas do Rio", publicada no periódico alagoano, é, simplesmente, denominado de R.O., que seria a abreviação de Ramos de Oliveira (pseudônimo).

Como Thiago Mio Salla descobriu que se tratava de Graciliano Ramos? Ele afirma que uma série de estudiosos da obra de Graciliano confirma que o alagoano se valera deste pseudônimo. "De maneira geral, nos textos estampados na imprensa ainda em 1910, o escritor optava por deixar de lado o prenome e valer-se apenas dos nomes de família Ramos de Oliveira ou ainda das iniciais destes. Somente a partir de 1931, em sua contribuição para *Novidade*, revista alagoana na qual publica pela primeira vez um trecho de romance, passará a assinar Graciliano Ramos, deixando de lado, desde então, toda e qualquer forma de disfarce", explica o organizador da obra. O tal texto publicado na revista seria o capítulo XXIV do livro *Caetés*.

Já o capítulo "Anos 20" marca o momento em que Graciliano retoma a atividade



Acervo da família

"É simplesmente horróroso que numa cidade como a nossa não tenhamos quem nos ensine a ler, arrancando-nos a cegueira da alma", escreveu Graciliano Ramos

jornalística no periódico *O Índio*, de Palmeiras dos Índios. O leitor, então, deleita-se com as crônicas, em que já é perceptível a crítica ferrenha de Graciliano aos problemas sociais, tão bem descritos em seus romances. "Em tais produções, o escritor privilegiava um discurso mais direto e participativo, assumindo, muitas vezes, a condição de defensor da população da cidade interiorana representada pelo jornal", indica Thiago Mio Salla.

No texto "Garranchos [IV]", Graciliano usa o pseudônimo X para tecer comentários sobre a importância da educação. Pode-se observar que a crônica não conhece fronteira de

tempo nem de espaço, sendo válida para os dias de hoje: "É simplesmente horróroso que numa cidade como a nossa (já não digo o município, contento-me com a sua capital) não tenhamos quem nos ensine a ler, arrancando-nos a cegueira da alma. Bem longe ainda vai de nós o progresso...O governo, descurando a maior necessidade do povo, entrega a sua instrução a criaturas tão ineptas que mal poderiam frequentar o primeiro ano de um estabelecimento de ensino! Que podem elas ensinar, santo Deus, se nada sabem?".

Já o capítulo "Anos 1930 ainda em Maceió", mostra a produção do escritor no Jornal de Alagoas como articulista político.

Entretanto, temas literários também estão na produção do autor nesse período, como mostra a crônica "Um romance do Nordeste", que o alagoano escreveu para o Diário de Pernambuco. Nela, o autor defende o romance brasileiro, principalmente, o romance do Nordeste e assina como Graciliano Ramos, deixando de lado os pseudônimos.

O capítulo seguinte, "Depois da saída do cárcere", traz textos de Graciliano após a sua saída da prisão, em 1937. A temática de tal produção é, essencialmente, sobre literatura até porque o autor já é consagrado como um renomado romancista com as publicações de *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*. Na última parte de *Garranchos*, "Depois da entrada do PCB", a obra reúne artigos, discursos e manifestos da fase de militância política de Graciliano. "Se por um lado, seus discursos desse período apresentam cunho eminentemente político e partidário, por outro, destacam-se do ponto de vista formal pelo cuidado e planejamento da expressão, assemelhando-se em muitos aspectos aos textos direcionados a publicações impressas", expõe Thiago Mio Salla. Assim, além de revelar a literatura de Graciliano nos jornais, a obra percorre linearmente momentos importantes na vida do autor alagoano.

Divulgação



***Garranchos*, organizado pelo pesquisador Thiago Mio Salla (foto), reuniu 81 textos publicados por Graciliano em periódicos**

INSPIRAÇÃO

O jornalista e pesquisador de Graciliano Ramos, Carlos Nealdo, soube que a editora Record preparava o lançamento de textos inéditos de Graciliano. Logo que o livro ficou disponível para venda, ele já tinha *Garranchos* nas mãos, já que busca tudo que está relacionado ao escritor alagoano.

Para Nealdo, *Garranchos* é, do ponto de vista histórico e literário, “uma preciosidade”, mas questiona se o escritor publicaria todos os textos que foram reunidos no livro. “Tudo o que Graciliano escreveu é muito bom. Se ele fosse vivo, nem tudo seria publicável porque ele era muito autocrítico. Ele barrou Guimarães Rosa em um concurso; rasgou e jogou no lixo um conto de Joel Silveira; dizia que *Caetés* não prestava, e quando recebeu as críticas extremamente favoráveis à obra, respondeu: ‘Ah! andaram falando umas bobagens sobre o livro que escrevi’. E não era com um tom de vaidade que ele falava. Para Graciliano, o que importava era o que ele achava”, diz.

O organizador de *Garranchos* explica que o próprio título dado à coluna – e também ao livro – evidencia bem o estilo Graciliano de ser e justifica a publicação dos textos em função da relevância cultural que apresentam “quer para o

conjunto da obra do autor, quer para a compreensão matizada de suas posturas em face de importantes questões da época que viveu”.

Carlos Nealdo vem dedicando-se à produção de seu segundo romance, uma homenagem ao autor de *Vidas Secas*. A história é ambientada nos anos de 1928 a 1930 e narra o período em que Graciliano foi prefeito de Palmeira dos Índios. Não, não se trata de um livro biográfico, mas sim de ficção. O homem Graciliano torna-se personagem de uma narrativa ficcional e vive às turras com um consertador de máquinas de escrever. “O consertador de máquina tem muito atrito com o prefeito Graciliano porque, ao mudar todo código de postura do município (o que seria hoje a Lei de Responsabilidade Fiscal), ele corta os gastos com os consertos de máquinas”, antecipa o autor.

Para a construção da personagem e do contexto histórico de sua narrativa, Nealdo releu todos os romances de Graciliano, leu biografias sobre o autor e correspondências escritas por ele, entrevistou pesquisadores e pessoas que, possivelmente, conviveram com o escritor em Palmeira dos Índios e buscou, no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, textos escritos por Graciliano em periódicos. “O romance tem muito diálogo e eu preciso ser



Para o jornalista Carlos Nealdo (foto), o livro *Garranchos* é, do ponto de vista histórico e literário, “uma preciosidade”, mas ele questiona se Graciliano publicaria todos os textos reunidos na obra

fiel à maneira que Graciliano falava. Escrevi um dicionário de termos e palavras recorrentes do escritor e até já sonhei com ele me dando bronca”, revela.

Ele destaca que os textos de Graciliano são marcados pela objetividade e rispidez, mas revelam tanto um homem preocupado com as misérias humanas, quanto um parceiro apaixonado – como mostram as cartas que escreveu para Heloísa, sua mulher. Essas características, identificadas na obra e nos registros sobre o alagoano, ajudaram o jornalista a entender a personalidade complexa do escritor.

GRACILIANO E O JORNALISMO

O jornalista Mário Lima, autor da reportagem especial sobre o escritor alagoano publicada na 1ª edição da revista *Graciliano* (2008), também acredita que alguns textos de *Garranchos* não passariam pelo crivo do autor devido à sua conhecida autocrítica. “No conjunto, a obra reuniu excelentes crônicas, mas acho que, se elas fossem analisadas pelo próprio Graciliano, ele seria chato”, afirma. Ainda assim, Lima ressalta a atualidade dos textos reunidos em *Garranchos*. “Os textos são tão atuais, mesmo produzidos por Graciliano há décadas”.

Mário Lima chama a atenção para a contribuição de

Garranchos para o jornalismo. A relação do jornalista com o escritor é facilmente perceptível: ele tem em sua sala – na Secretaria de Estado da Comunicação (Secom) – o retrato de Graciliano Ramos e o trecho no qual o autor compara o ofício de escrever com o trabalho das lavadeiras de Alagoas. Ao final da citação, a frase que se tornou uma das marcas do escritor e que tanto representa o ofício do jornalismo: “A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”.

O jornalista acredita que a relação entre Graciliano e o jornalismo não pode ser dissociada da sua obra literária: “O mestre Graça dedicou-se à literatura, à política e ao ensino, mas também era um grande jornalista. Foi no batente dos jornais onde trabalhou, no Rio de Janeiro e em Alagoas, com sua linguagem enxuta e sintética, que ele obteve mais fermento para sua obra. Graciliano sempre foi importante para o meu texto. Quando enxugo, quando tiro os excessos, eu sempre penso nele. É o meu modelo de jornalista”, declara.

Para exemplificar essa relação com o jornalismo, Mário Lima recorda o trecho de uma carta que Graciliano, com apenas 22 anos, escreveu ao seu pai, Sebastião Ramos: “Que é que essa gente de

Maceió sabe a respeito de minhas resoluções? Não quero emprego no comércio – antes ser mordido por uma cobra. Sei também que há dificuldades em se achar um emprego público. Também não importo com isso. Vou procurar alguma coisa na imprensa, que agora, com a guerra, está boa a valer, penso. Portanto...os amigos que guardem suas opiniões”.



O jornalista Mário Lima ressalta a atualidade dos textos reunidos em *Garranchos*: “Os textos são tão atuais, mesmo produzidos por Graciliano há décadas”